



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPES – LATINDEX
Nº. 21 – Ano XI – 05/2022
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

Além mar: sobre futebol, lazer e sociabilidade no contexto de estudantes internacionais da UFVJM

Prof. Dr. Leandro Batista Cordeiro

Doutor em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
Docente da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM

<http://lattes.cnpq.br/0877216559882057>

E-mail: leandro.cordeiro@ufvjm.edu.br

Prof. Dr. Sílvia Ricardo da Silva

Doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp
Docente da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – Brasil

<http://lattes.cnpq.br/0877216559882057>

E-mail: prof.srs@gmail.com

Resumo: No contexto brasileiro, o futebol é uma importante manifestação sociocultural, na medida em que encontrou terreno fértil para o seu crescimento e consolidação nas mais diversas latitudes e longitudes do território nacional, inserindo-se como uma importante manifestação de lazer para muitos brasileiros. Nesse cenário há algo que salta aos olhos: o pertencimento clubístico, ou seja, a relação afetiva estabelecida entre torcedores e clubes, seja para aqueles que vivem em solo brasileiro, seja para os que migraram para além-fronteiras, inclusive aí os estudantes que se deslocaram para cursar parte de sua graduação em outros países através do Programa Ciência sem Fronteiras (CsF). A partir disso, esse estudo teve como objetivo compreender como o futebol, enquanto experiência de lazer e ponte de sociabilidade, se inseriu no cotidiano de estudantes internacionais da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM, que estiveram no exterior, em razão de sua participação no referido programa no período de 2012 a 2016. Para tanto, inicialmente foi encaminhado questionário on line para todos os graduandos que participaram do CsF na UFVJM, ou seja, 304 estudantes. Em seguida, e tendo em vista os resultados obtidos com a aplicação do questionário,

foram identificados 19 participantes que têm o futebol e o clube como elementos representativos em suas identidades e em seu cotidiano, especialmente como elementos que estiveram presentes em seu dia a dia no exterior. Destes 19 sujeitos, 8 aceitaram participar de uma entrevista semiestruturada, sendo cinco do sexo masculino e três do sexo feminino. Desde o início tínhamos como ponto de partida que o futebol e o clube, que constituem importantes fenômenos culturais na sociedade brasileira, representariam elementos particularmente poderosos na vida cultural quotidiana dos referidos estudantes-torcedores migrantes, de maneira especial enquanto vivência de lazer que contribuiu para a sociabilidade dos mesmos. Concluímos que isso se concretizou durante o período em que estiveram no exterior, visto que o futebol, de uma forma geral, e o clube, de modo específico, foram importantes elementos para os oito estudantes-torcedores, constituindo-se como potentes veículos de lazer e sociabilidade. Portanto, consideramos que tais artefatos socioculturais atravessaram nossas fronteiras, inseriram-se no cotidiano dos sujeitos pesquisados e cumpriram, a nosso ver, relevantes papéis em seu dia a dia, independentemente das suas coordenadas geográficas.

Palavras-chave: Futebol. Lazer. Sociabilidade. Migração estudantil.

Introdução

O que nos torna brasileiros? Esta pergunta é relevante no bojo deste trabalho, principalmente porque pensar o Brasil é pensar um país de dimensões continentais, com extensão territorial de aproximadamente 8.515.767,049 km², no qual pessoas ouvem samba e rock, dançam forró e maracatu, comem arroz com pequi, feijoada e acarajé, bebem cachaça e chimarrão, jogam “queimada”, voleibol e futebol. Assim, trata-se de uma nação onde as suas latitudes e longitudes são carregadas de uma marcante diversidade cultural que, conseqüentemente, dá contornos decisivos à identidade individual e social.

Quanto a isso, DaMatta nos oferece a seguinte reflexão:

Como se constrói uma identidade social? Como um povo se transforma em Brasil? A pergunta, na sua discreta singeleza, permite descobrir algo muito importante. É que no meio de uma multidão de experiências dadas a todos os homens e sociedades, algumas necessárias à própria sobrevivência, como comer, dormir, morrer, reproduzir-se etc., outras acidentais ou superficiais: históricas, para ser mais preciso – o Brasil foi descoberto por portugueses e não por chineses, a geografia do Brasil tem certas características como as montanhas na costa do Centro-Sul, sofremos pressão de certas potências europeias e não de outras, falamos português e não francês, a família real transferiu-se para o Brasil no início do século XIX etc. Cada sociedade (e cada ser humano) apenas se utiliza de um número limitado de “coisas” (e de experiências) para construir-se como algo único (DAMATTA, 1986, p.11).

Nesse panorama, a partir do referido autor, destacamos o futebol enquanto manifestação cultural e identitária em nosso país. Desse modo, o ser brasileiro estaria, em certa medida, atrelado a esse artefato presente e significativo em nossa cultura. Assim, DaMatta (1986) nos ajuda a compreender que no cenário social nacional há esse elemento que contribui para a constituição da “brasilidade”, algo que nos faz ser (re)conhecidos mundo afora como brasileiros e que nos identifica enquanto sujeitos e enquanto povo: o futebol.

Nesse sentido, Mascarenhas afirma que:

O futebol se tornou, no Brasil, muito mais que mera modalidade esportiva. Sua rápida e profunda disseminação, atuando inclusive no processo de integração do território, propiciou-lhe a condição de elemento central na cultura brasileira. Constitui o futebol um amplo sistema de práticas e representações sociais, uma complexa teia de sentidos e significados, que entendemos como passível de se analisar como uma poderosa forma simbólica, com densa impregnação na paisagem urbana (MASCARENHAS, 2005, p.62).

Dessa maneira, do Oiapoque ao Chuí, do Vale do Jequitinhonha ao Vale do Anhangabaú, das montanhas de Minas às praias do Rio, dos campos de várzea aos grandes estádios, o futebol ocupa lugar destacado no seio da sociedade brasileira, em sua cultura e paisagem, se inscrevendo como instituição social que contribui para forjar a identidade da nação; não por acaso somos vistos como o país do futebol. Quanto a isso, embora não possamos afirmar contundentemente que o Brasil é realmente o país do futebol, também não podemos desconsiderar que ele é parte da vida de nosso povo e, portanto, de alguma forma habitaria o dia a dia de muitos de nós.

Damo faz uma importante ressalva, ao afirmar o seguinte:

Assim, ao invés de repetir o velho chavão de que o Brasil é o país do futebol, seria mais interessante pensar que os brasileiros se expressam por meio dele e, por isso mesmo, tornaram-no uma instituição popular. Argentina, Itália, Espanha, entre outros, também poderiam ser considerados países do futebol; as regras são as mesmas e o gosto por este esporte não é exclusividade nossa. Os contornos são parecidos, mas o recheio é diferente. Pode-se até apreciar o futebol dos outros como espetáculo, é linguagem universal. Mas há coisas que só o futebol brasileiro pode fazer: dizer algo sobre nós mesmos. Somos, portanto, o país do nosso futebol, dos nossos clubes, torcedores, dirigentes, jogadores e assim por diante (DAMO, 1988, p.38-39).

É importante ressaltar que não estamos defendendo uma posição (ou concepção) essencialista quanto ao ser brasileiro, onde o futebol se encaixaria enquanto algo encravado nas individualidades e no seio cultural nacional, afinal, como nos lembra Maalouf:

“La identidad no está hecha de compartimentos, no se divide en mitades, ni en tercios o en zonas estancas. Y no es que tenga varias identidades: tengo solamente una, producto de todos los elementos que la han configurado mediante una "dosificación" singular que nunca es la misma en dos personas (MAALOUF, 2005, p.10).

Isto se torna relevante quando o nosso olhar se volta para o futebol no cotidiano de estudantes brasileiros migrantes e, portanto, com residência temporária no exterior, algo que tem ganhado força nos últimos anos no Brasil, especialmente com a criação de programas estatais de estímulo ao intercâmbio estudantil internacional, como o Programa Ciências Sem Fronteiras (CsF).

Desse modo, entre os anos de 2011 e 2016 o Governo Federal buscou estimular, via CsF, o intercâmbio internacional de estudantes brasileiros. Como consequência do programa, brasileiros e brasileiras migraram temporariamente para inúmeros cantos e recantos do mundo e, como hipótese, acreditamos que muitos desses sujeitos “levaram na mala” (e na alma), junto com seus documentos pessoais, roupas e fotos da família, a paixão pelo futebol, inserindo-o em suas experiências de lazer no estrangeiro e, consequentemente, com impactos sobre a sua sociabilidade, seja com nativos ou mesmo com outros migrantes.

Em razão do exposto, acreditamos que o futebol, que constitui importante fenômeno sociocultural na sociedade brasileira, representaria um elemento particularmente poderoso na vida cultural cotidiana de estudantes migrantes da UFVJM, com destaque para a sociabilidade.

Portanto, o objetivo geral deste estudo foi compreender o futebol enquanto ponte de sociabilidade para estudantes brasileiros da UFVJM, que migraram temporariamente para o exterior, via Programa Ciência Sem Fronteiras (CsF).

Breves apontamentos sobre futebol e sociedade brasileira

Segundo Tiesler e Coelho (2006), a participação imediata ou televisionada nos eventos de futebol, a comunicação do conhecimento futebolístico, a identificação com uma equipe, a prática do jogo e, no caso dos mais jovens, o sonho de se tornarem jogadores profissionais, desempenham um importante papel para milhões de pessoas de todo o mundo, independentemente do lugar onde vivem e das suas condições de vida. Isto torna o futebol uma das principais formas/expressões culturais e *simbólicas* da modernidade.

Dessa maneira, o futebol e a identificação futebolista encontram-se hoje amplamente disseminados em diferentes continentes, culturas e classes, sendo por isso considerados fenômenos globais e, uma vez que pode ser vivido e compartilhado para além das fronteiras nacionais, sociais, culturais e linguísticas, o futebol proporciona um código de comunicação universal (TIESLER, 2012).

Giulianotti também segue essa perspectiva e aponta o futebol como elemento central em diversas culturas. O autor afirma que

[...] sua centralidade cultural, na maior parte das sociedades, significa que o futebol tem uma importância política e simbólica profunda, já que o jogo pode contribuir fundamentalmente para as ações sociais, filosofias práticas e identidades culturais de muitos e muitos povos (GIULIANOTTI, 2002, p.8).

Assim, nas mais diversas latitudes e longitudes do globo terrestre, da Ásia à América do Sul, da África à Oceania, da Europa à América do Norte, passando pela América Central, o futebol se instaurou como importante componente sociocultural, relacionando-se com as inúmeras facetas (identitárias, históricas, políticas, econômicas, culturais) que integram os contextos locais, regionais, nacionais e transnacionais.

Nesse sentido, a partir do seu nascedouro e dos primeiros passos em território inglês, o futebol “viajou pelo globo”, atravessou inúmeras fronteiras e se instaurou no contexto sociocultural de diversas nações: do Uruguai ao Japão, do Egito ao México, da Inglaterra ao Brasil, da Austrália aos Estados Unidos da América, dentre vários outros trajetos e países mundo afora. Com efeito, poderíamos pensar o futebol como um dos poucos fenômenos de massa que é ao mesmo tempo consumido e praticado em escala global.

A respeito da capilarização mundial dos esportes originados na Inglaterra (e nesse bojo o futebol), Holanda (2009) nos lembra de que tal processo se deu na virada do século XIX para o século XX e que, dentre eles, o *football association* se disseminou com maior êxito graças à sua capacidade formidável de ultrapassar fronteiras geográficas, econômicas e sociais.

Nesse panorama, o mesmo autor sugere que, a partir da concorrência imperial britânica pela dominação de portos e pela construção de estradas de ferro, cada colônia, ex-colônia ou república emergente assimilou em escala local as respectivas práticas esportivas, assim como a constelação linguística subjacente a elas (HOLANDA, 2009).

Contudo, faz-se necessário evidenciar que a inserção do futebol no seio histórico-cultural das nações ao redor do mundo¹ não se deu da mesma forma, em um mesmo momento e com a mesma intensidade. Isso porque cada nação (e cada *parte* de uma nação) é carregada de estórias, culturas, enfim, de humanos que constroem, a seu modo, o lugar que habitam.

Sobre esse aspecto, Mascarenhas nos fornece a seguinte perspectiva:

A novidade do futebol inglês, enquanto informação, circulou pelo mundo com grande seletividade espacial, submetendo-se aos imperativos das redes do imperialismo britânico. E para se incorporar à vida cotidiana das diversas localidades por onde foi *anunciado*, o futebol necessitou contar com condições especiais: em cada lugar, um ritmo distinto de adoção, definido por diferentes graus de rejeição e receptividade. E mesmo a forma que assumiu variou conforme as especificidades de cada lugar (MASCARENHAS, 2000, s.p)

Dessa maneira, os enlaces do futebol no seio cultural de inúmeras localidades, além das fronteiras inglesas, não podem ser tratados uniformemente e, a despeito de algumas possíveis características semelhantes, seja em países do próprio continente europeu ou fora do mesmo, é importante destacar a ressalva feita por Mascarenhas logo acima, visto que a cultura é multifacetada, está em constante movimento e, como sabemos, é uma produção humana por excelência.

Em razão do que foi dito anteriormente e das nossas pretensões para este trabalho, destacamos a seguir o entendimento de cultura ao qual nos ancoramos e, para tanto, buscamos em Claval o apoio necessário.

¹ Para maiores informações sobre a inserção do futebol em alguns países da Europa e América do Sul ver: GOIG, R. L. Fútbol Postnacional Transformaciones sociales y culturales del “deporte global” en Europa y América Latina. Barcelona: Rubí, Anthropos Editorial, 2009.

Para esse autor, a cultura é vista como “a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte” (CLAVAL, 2001, p.63).

Portanto, a partir do ponto de vista de Claval, podemos considerar que a cultura deixaria de ser apreendida como alguma coisa dada e estanque, mas sim como algo dinâmico e de caráter simbólico, o que a nosso ver pode ser percebido facilmente quando voltamos o olhar para o futebol no contexto sociocultural brasileiro.

Nessa perspectiva, DaMatta (1984) ressalta que a construção de uma sociedade é feita de afirmativas e de negativas diante de certas questões e, no caso do Brasil, o futebol se coloca enquanto uma destas afirmativas.

Entendemos que isso pode ser observado no espectro da prática social do futebol em nosso país, a partir das relações produzidas por ele próprio, que vai desde o ir ao estádio, para assistir às partidas e torcer *in loco*, o jogar, os comentários produzidos a partir dos jogos entre seleções e clubes, o assistir e/ou escutar partidas pela televisão e rádio, dentre outras práticas (re)criadas e instituídas no seio das mais diversas culturas locais, regionais e nacional, de modo especial enquanto experiência de lazer.

Sobre lazer, futebol e sociabilidade

No que se refere ao entendimento de lazer, buscamos aporte em Gomes (2011), na medida em que a autora o compreende como uma necessidade humana e como dimensão da cultura, caracterizada pela *vivência lúdica de manifestações culturais no tempo/espço social*, perspectiva com a qual nos aliamos.

Portanto, a partir de Gomes (2014), assinalamos que a articulação de três elementos fundamentais dá concretude ao lazer, sendo: a ludicidade; as manifestações culturais; tempo/espço social.

Segundo a autora a ludicidade estaria vinculada à capacidade humana de tornar lúdica uma prática cultural, a qual se torna lúdica a partir da experiência do sujeito, que imprime significados à vivência. Com isso, estamos reforçando a

posição defendida por Gomes, ou seja, que uma atividade não é lúdica por si mesma.

Assim, jogar futebol na rua com amigos, assistir a um jogo do clube do coração pela televisão ou *in locu* no estádio, assim como ler um livro sobre futebol, somente serão experiências lúdicas a partir dos significados atribuídos pelos sujeitos envolvidos nas referidas vivências.

Já as manifestações culturais que constituem o lazer são práticas sociais vivenciadas no seio da cultura, a partir das incontáveis e diversas possibilidades (re)criadas pelo homem ao longo da história.

No que se refere ao futebol, as formas de se manifestar no âmbito cultural são inúmeras e diversas, de acordo com o contexto onde está inserido, como, por exemplo, o futebol de areia, comumente praticado nas praias cariocas.

Por fim, o tempo/espço social, entendidas como categorias que se influenciam mutuamente no contexto geral da vida humana e, de maneira específica, no âmbito do lazer. Desse modo, as vivências de lazer se dão em um determinado tempo/espço, que é natural e social, produto e produtor de relações humanas.

Isso ocorre, por exemplo, no caso dos torcedores de futebol que se deslocam de suas casas para os estádios ou mesmo para bares, para acompanharem partidas do “clube do coração”. Ora, essas são situações em que a variável tempo/espço social emerge na constituição da referida vivência de lazer, visto que há um tempo e um espço determinado para a fruição da experiência lúdica do torcer.

Continuando, Gomes e Faria (2005) também nos oferecem subsídios importantes para uma melhor compreensão do lazer, quando ressaltam que o lazer pode ser visto como um emaranhado de sentidos e significados dialeticamente partilhados nas construções subjetivas e objetivas dos sujeitos, em diferentes contextos de práticas culturais, sociais e educativas.

As autoras ainda destacam que o lazer participa da complexa trama histórico-social própria de cada realidade e representa um dos fios tecidos, culturalmente, na rede humana de significados, símbolos e significações.

Ainda seguindo essa perspectiva, Gomes (2014) ressalta que as manifestações culturais vivenciadas ludicamente são práticas que podem assumir múltiplos significados e papéis peculiares para os sujeitos.

Nesse sentido, a referida autora sugere o seguinte:

[...] embora nem sempre exista uma palavra ou um conceito específico, as festas e celebrações, as práticas corporais, os jogos, as músicas, as conversações e outras experiências de sociabilidade podem assumir a feição de lazes que têm significados e sentidos singulares para os sujeitos que as vivenciam ludicamente (GOMES, 2014, p.9).

Desse modo, a partir dos autores citados, vislumbramos o tempo e o espaço social do lazer como o *lócus* privilegiado onde nascem e emergem diversas experiências e significados atrelados ao futebol, prática social constituída histórica e culturalmente e que encontrou terreno fértil no âmbito do lazer, sendo possível pensar que

[...] o principal elo entre futebol e o lazer pode ser observado na dimensão da cultura. Essa atua como um ponto de inserção entre as manifestações culturais, dentre elas o futebol, que por sua vez, possibilita diferentes vivências e experiências como momentos de lazer (LAGES; SILVA, 2012, p.10).

Nessa mesma linha de raciocínio, Gomes e Faria ainda sustentam que o futebol:

[...] insere-se nos diversos espaços sociais, mesclando práticas de consumo, de compensação social (transmitindo valores e normas sociais) e de persuasão, de contestação, de desordem/ordem, de conflitos e, também, de vivência lúdica, do âmbito da festa, do encontro etc. Como prática que participa do jogo mais amplo das relações sociais, ao mesmo tempo em que revela aspectos da sociedade brasileira, o futebol comporta tensões, conflitos, redes de sociabilidade e significados que vão além da bola no pé (GOMES; FARIA, 2005, p.71).

Assim, ao seguirmos a proposição teórica de Gomes e, conseqüentemente, compreendermos o lazer como a vivência lúdica de manifestações culturais no tempo/espaço social, somos levados a considerar que o futebol e o lazer se tornaram parceiros no campo de jogo da vida social no Brasil, em uma imbricada teia de relações simbólicas, históricas, sociais, políticas e econômicas.

E é nesse cenário que se dá o processo de sociabilidade mediado pelo futebol, ou seja, constituído pelos impulsos dos indivíduos, por interesses, objetivos ou por outros motivos e pelas formas que essas motivações assumem. Desse modo, a sociedade seria um produto da sociabilidade entre os sujeitos que relacionam entre si e com os outros, mediante formas de interações que se

desenvolvem em um determinado contexto social, como é o caso do futebol no Brasil.

Abordando a migração estudantil

De acordo com Cerqueira *et al* (2010, p.3) “[...] os deslocamentos de estudos podem e devem ser considerados no âmbito dos movimentos migratórios”, visto que:

- 1) O fator espacial está presente na migração estudantil, já que supõe deixar o local de origem e dirigir-se a um povoado, vila ou centro urbano (cidade) do mesmo ou de outro município, região, território de identidade, estado ou país;
- 2) Os deslocamentos não são esporádicos, tratando-se de um período cujo prazo varia em função do nível e modalidade de ensino;
- 3) Social e culturalmente, aos estudantes, supõe mudanças significativas no entorno, já que a sociedade em que os sujeitos vão seguir formando-se apresenta características que a diferencia da anterior (CERQUEIRA *et al.*, 2010, p.3).

Dessa maneira, é possível afirmar que o estudante que migra é um *estudante migrante*. Ao deixar o país de origem este estudante seria um *estudante emigrante*, enquanto ao entrar no país de acolhimento este estudante seria um *estudante imigrante*.

Nessa perspectiva, García (1992) sugere que a condição de estudante estrangeiro está associada ao fenômeno de imigração/emigração, sendo considerada uma migração temporária, com um fim determinado, ou seja, adquirir certo conhecimento num país diferente do seu, enfim, em outro lugar.

Segundo Marandola Jr. e Dal Gallo (2010) migrar é sair do seu lugar, sair dos territórios da segurança e lançar-se no mundo, em lugares de pouca ou nenhuma familiaridade, ou seja, uma experiência desconcertante que envolve processos de redefinições das territorialidades e da identidade ser-lugar natal.

Nesse mesmo sentido, Fazito (2010), aportando-se em Sayad (1998), destaca que os deslocamentos não são operados apenas no espaço físico, mas, sobretudo, num campo de relações sociais que organiza o princípio estruturante espacial. Isto é, os deslocamentos refundam os *territórios* e suas geografias pela inserção no campo social de novos sujeitos e relações sociais.

Dessa maneira, a migração representaria para o indivíduo a sua transformação em estranho, em *estrangeiro onde vive* e, conseqüentemente, os migrantes tornar-se-iam *alienígenas*, por diferirem dos povos locais, de seus costumes e de seus valores culturais. Em decorrência, as relações sociais que se estabelecerão entre os imigrantes e os naturais serão baseadas em inúmeras e variadas diferenças.

Por outro lado, Marandola Jr. e Dal Gallo (2010) afirmam que se antes mudar-se significava distanciamento absoluto, hoje migrantes internacionais conseguem manter vívidos os *laços* com a terra de origem, ficando, em muitos casos, integrados existencialmente a ela e apenas funcionalmente ligados ao lugar de moradia atual. Nesse caso, talvez o futebol seja um dos “fios” que ajudam a tecer tais “laços” entre brasileiros migrantes e o seu país de origem.

Nesse pensamento, Margolis (2008), apoiando-se em Linger (2001, p.75), sugere que, quando o imigrante brasileiro vai a uma churrascaria em Nova Iorque ou bebe uma caipirinha num bar brasileiro em Lisboa, ou quando o brasileiro-japonês come uma feijoada em Nagoya, não está simplesmente saindo para comer [e beber], “está saindo para comer e beber o Brasil – para participar de uma reafirmação consciente de sua identidade como brasileiro deslocado”.

Reforçando a ideia apresentada no parágrafo anterior, Xavier de Brito (2010) destaca que o desejo mais caro da maioria dos sujeitos em mobilidade espacial (inclusive os estudantes migrantes) é encontrar no exterior uma maneira (ou maneiras) de continuarem ligadas a seu país.

Com efeito, talvez uma dessas maneiras seja através do que a autora denominou de “práticas culturais de origem” (idem, p.446), algo que nos remete a pensar o futebol no cotidiano dos estudantes da UFVJM, que se deslocaram temporariamente para o estrangeiro, os quais participaram do presente estudo, conforme será visto adiante.

Os caminhos da investigação

O estudo foi realizado mediante pesquisa de campo. Para tanto, inicialmente foi encaminhado questionário *on line* para todos os graduandos que participaram do Programa Ciência Sem Fronteiras na UFVJM, ou seja, 304 estudantes. O

questionário foi enviado via *Google Docs*, sendo preenchido por 69 sujeitos. A partir das informações levantadas com a aplicação deste instrumento, foi possível conhecer o perfil dos 69 estudantes respondentes, assim como entender como o futebol se inseriu nas suas vidas, inclusive durante o período em que estiveram no estrangeiro.

Em seguida, e tendo em vista os resultados obtidos com a aplicação do questionário, foram identificados os participantes que têm o futebol como elemento representativo em suas identidades e em seu cotidiano, especialmente como elemento que esteve presente em seu dia a dia no exterior, mediando processos de sociabilidade para tais sujeitos.

Desse modo, identificamos 19 sujeitos com o perfil pretendido. Encaminhamos um convite para que os mesmos participassem de uma entrevista semiestruturada e oito estudantes-torcedores aceitaram participar da segunda fase da pesquisa, sendo cinco do sexo masculino e três do sexo feminino. Então, com estes oito sujeitos foram realizadas as entrevistas semiestruturadas, a partir de questões norteadoras, no intuito de perceber se o futebol foi um fator relevante quanto à sociabilidade dos referidos sujeitos, e como isso se concretizou durante o período em que estiveram em terras estrangeiras.

Para a realização das entrevistas optamos por dois procedimentos: o contato direto com os entrevistados, no caso de sujeitos que vivem em Diamantina, e a entrevista feita de maneira virtual, para aqueles que moram em outras cidades.

No primeiro caso, sujeitos que vivem em Diamantina, entramos em contato com os mesmos, via correio digital, e solicitamos que disponibilizassem um dia e horário para a realização da entrevista, assim como sugerimos locais para o procedimento, sendo que o Campus I e/ou o Campus II da UFVJM foram os preferidos dos entrevistados.

Já para aqueles que vivem em outros municípios optamos pela utilização de softwares, que permitiram a comunicação pela internet através de conexões de voz e vídeo. Nesse sentido, conforme cada caso, foram utilizados o *Skype*, o *Hangout do Gmail* e o *Chat do Facebook*.

Quanto ao tratamento dado às informações obtidas a partir das entrevistas optamos pela técnica denominada Análise de Conteúdo.

Conforme Bardin (1977), o foco da análise de conteúdo é qualificar as vivências do sujeito, bem como suas percepções sobre determinado objeto e seus fenômenos. Esse método aparece como uma ferramenta para a compreensão da construção de significado que os atores sociais exteriorizam no discurso.

Assim, mediante o discurso exteriorizado pelos entrevistados, encontramos as pistas necessárias, que se traduziram em subcategorias de análise, visto que a categoria principal foi definida *a priori*, tendo em vista o objetivo central do trabalho; a partir daí trilhamos um caminho de possíveis descobertas, que emergiram à tona a partir da intersecção de tais pistas com o aporte teórico escolhido e com as nossas próprias interpretações, como será demonstrado na sequência.

Sobre futebol, lazer e sociabilidade no cotidiano de estudantes internacionais da UFVJM

Em se tratando de estudantes migrantes, consideramos que a sociabilidade ganha considerável relevo, pois permite que tais sujeitos deslocados, distantes de suas origens e imersos em determinados contextos socioculturais, vivenciem situações interativas com outras pessoas, a partir de certos interesses e motivações. Em nosso entendimento, tal aspecto pode ser relevante para os referidos sujeitos, na medida em que pode trazer contribuições valiosas para sua segurança existencial no cotidiano migrante.

Na contemporaneidade, as sociabilidades são de várias formas, tipos e abrangências, inclusas aí aquelas que se originam e se concretizam no âmbito geral do esporte e, de maneira específica, no contexto do futebol, o que foi consideravelmente perceptível no cotidiano dos estudantes-torcedores entrevistados, como poderá ser observado adiante no trabalho.

De início abordaremos a *prática do futebol*, algo que teve destaque no dia a dia dos sujeitos investigados, durante o período de residência temporária no estrangeiro.

A partir das primeiras décadas do século XX a prática do futebol se espalhou pelas latitudes e longitudes brasileiras, integrando a paisagem nacional de maneira

bastante diversificada, seja nas ruas, praças, escolas, universidades, estádios, clubes, *campos de várzea*, na praia ou outros espaços, o que a nosso ver tem influências quanto aos processos de sociabilidade no país, com destaque para as diversas práticas futebolísticas que ocorrem no âmbito do lazer.

No caso dos estudantes-migrantes da UFVJM isso também ocorreu, ou seja, mesmo estando temporariamente em outros países e cidades, as vivências práticas atreladas ao futebol tiveram espaço no dia a dia dos sujeitos e potencializaram encontros entre os brasileiros, entre estes e os nativos e entre os brasileiros e outros estrangeiros, como podemos observar a partir dos seguintes depoimentos:

A gente jogava futebol lá, jogava mais com estudantes internacionais, não tanto com noruegueses. Uma das vivências foi essa, jogar futebol com outras pessoas de vários países, como alemães, franceses, tinha colombianos, tinham alguns africanos, tinham de vários países, vários lugares. É...uma das experiências foi essa, de jogar futebol. Tinha dois campos abertos de grama sintética. Eles pertenciam a um clube de lá que não tem profissionais, não tem categoria de base e quando o clube não tivesse funcionando era aberto. Um campo pertencia a uma escola e outro a esse clube, então a gente jogava nesse clube, nesse campo (E1, grifo nosso).

Tinha uma pelada da universidade que eu jogava, toda Sexta-Feira, e depois eu fiz amizade com alguns estrangeiros, pessoal italiano, marroquino, e a gente começou a jogar entre nós, porque antes na universidade tinha muito francês. Então a gente começou a jogar só entre os estrangeiros. A gente jogava com certa frequência e aí acabou criando um laço de amizade principalmente com os italianos né. Se não tivesse o futebol seria um pouco mais difícil (E6, grifo nosso).

Nesse panorama, destacamos a capacidade do futebol em potencializar (ou mesmo facilitar) a sociabilidade entre os estudantes brasileiros migrantes, entre estes e os nativos locais, assim como entre os brasileiros e outros estrangeiros, independentemente do país de destino dos mesmos, ou seja, do lugar onde viveram temporariamente.

O segundo aspecto destacado quanto à sociabilidade mediada pelo futebol diz respeito à *assistência a jogos*, que também se inseriu como tempo/espaço de interação e aproximação entre os estudantes-migrantes e outros sujeitos, sejam brasileiros ou não.

Logo de início ressaltamos que o ato de assistir partidas de futebol estimulou o encontro entre os estudantes brasileiros pesquisados e pessoas de diversas origens étnicas, sejam nativos ou mesmo advindos de outros países, sendo que tais

encontros se deram em casa, bares, bares, salas comunitárias nas universidades ou mesmo *in locu* em estádios.

Nas palavras de Llopis Goig (2013) podemos entender a assistência a partidas como um tempo/espço público de identificação e, conseqüentemente, de convívio social.

Portanto, em nosso entendimento a assistência a jogos de futebol, seja de clubes ou de seleções nacionais, funcionou como evento aglutinador entre pessoas, homens e mulheres, que se identificam com esse artefato sociocultural e que dedicaram parte do seu tempo para essa experiência social e de lazer, como pode ser observado abaixo:

Nós sempre encontrávamos para assistir a jogos de futebol, independente do campeonato. Um dos grandes amigos que fiz no intercâmbio foi devido ao futebol. Acho que o futebol foi capaz de potencializar uma coexistência cultural, principalmente na Copa do Mundo. Na Copa era frequente pessoas de todos os lugares irem assistir os jogos da seleção brasileira no bar onde nós assistíamos os jogos. Depois dos jogos da Copa sempre tinham festas e as pessoas de fora gostavam muito (E3, grifo nosso).

Eu tinha uma amiga lá que era cruzeirense também, que é de outra cidade. A gente sempre assistia jogo junto, inclusive na faculdade às vezes a gente ia pra faculdade, no final do campeonato brasileiro, e não assistia aula, pra assistir o jogo. A gente marcava, o jogo era tal horário, agente assistia tal e tal aula e aí vai matar uma pra poder assistir o jogo. No celular, conectava na internet, procurava um link que abria, sentava uma com um fone e a outra com outro e ficava assistindo (E5, grifo nosso).

Em seguida voltamos nosso olhar para os diálogos sobre futebol, no intuito de perceber de que maneira isso influenciou os processos de sociabilidade dos estudantes-torcedores no estrangeiro.

No Brasil é um comum vermos pessoas conversando sobre futebol nas mais diversas situações como, por exemplo, em bares, nas escolas, em casa, no trabalho, nas ruas e esquinas do bairro, em praças, na banca de jornal, enfim, conversar sobre diferentes assuntos atrelados ao futebol parece ser algo consideravelmente presente no dia a dia de muitos brasileiros.

Ora, entendemos que um tema/assunto tem espaço constante nos diálogos entre as pessoas em razão de sua relevância e legitimidade no seio da cultura, algo bastante perceptível no caso do futebol no Brasil.

Em certa medida isso ocorre porque o futebol, enquanto manifestação cultural, ocupa lugar de destaque no cotidiano de um sem número de brasileiros e está presente como assunto diário nos mais diversos meios de comunicação.

A nosso ver, essa falação futebolística, presente na mídia em geral (televisão, rádio, jornal impresso, mídia digital, etc), teria consequências diretas nos diálogos entre as pessoas, nutrindo-os, visto que se institui como um assunto proeminente, o que inevitavelmente tem consequências sobre as relações interpessoais.

Em se tratando dos estudantes-torcedores migrantes da UFVJM, podemos considerar que os assuntos relacionados ao futebol foram consideravelmente presentes nos diálogos com outros brasileiros, com nativos e com outros estrangeiros, servindo como uma “ponte” que interligou sujeitos diferentes, oriundos de lugares distintos, como ilustrado a partir das falas que se seguem:

Os estudantes internacionais, mesmo em festas, em eventos, eles conversavam sobre futebol. Como sabiam que eu gostava, tinham interesse em saber sobre jogadores brasileiros, jogadores que estavam indo para a Europa. No pub a gente ia assistir jogos e eu ia sozinho pra assistir jogos do Arsenal e lá a maioria era norueguesa. Então encontrava e começava a conversar sobre futebol. Eles se interessavam muito pelo futebol do Brasil, se interessavam muito sobre o meu time. Quando eu falava, eles já procuravam no celular. Entre os estrangeiros também, mas em locais diferentes. Aí foi mais em festas, perguntavam e conversavam o futebol; às vezes puxavam assunto de futebol, principalmente com estudantes internacionais e entre brasileiros também. Entre brasileiros tinha conversa, pois tinha pessoas de toda parte do país e tinham torcedores, por exemplo, do Joinville, do Bahia. A gente conversava sempre e, entre os estrangeiros mais em festas dentro das casas, não tanto em festas em boate, mas quando a festa era numa casa aí aparecia sempre (E1, grifo nosso).

Era um modo de interagir e de puxar assunto, até mesmo quem não era do grupo e não gostava de futebol usava o nosso futebol pra puxar assunto com o pessoal, porque era uma marca grande que eles tinham. Então, não só como forma de potencializar essas relações interpessoais, mas também como uma forma de introduzir conversa, questão de afinidade. Eu não sei se fosse outro assunto, por exemplo o samba, as festas, o Brasil também é bastante rico nisso, é bastante referência lá fora, de festa, de carnaval e essas coisas, mas eu não sei se esses outros assuntos me ajudariam a me relacionar bem com as pessoas ou a buscar uma forma de conhece-las ou de me aproximar. Então, o futebol em si é mais universal, sabe? Eu acho, eu vejo que é uma linguagem mais dinâmica, então as pessoas estão mais interligadas, porque festas a gente tem, não é todo mundo que gosta de samba e eu posso dizer o mesmo do futebol, mas querendo ou não sempre acaba tendo uma conversinha, até mesmo de quem não gosta vai entrar na roda e vai discutir certos pontos que não são favoráveis e que não gosta e tal. Eu vejo assim. (E2, grifo nosso).

Assim, em várias situações as *conversas futebolísticas* serviram como um tipo de *start* relacional, promovendo a interação entre os sujeitos do estudo e demais pessoas, sejam brasileiros, nativos, ou mesmo outros estrangeiros, favorecendo inclusive o surgimento de amizades em alguns casos.

A nosso ver tal situação ilustra as ideias defendidas por Tiesler (2012), quando a autora afirma que a identificação futebolística promove um código de comunicação global, na medida em que pode ser vivido, enquanto pauta de interação, para além das fronteiras linguísticas.

Por fim, discutiremos agora o papel das novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC's) no que se refere à sociabilidade, por meio do futebol, dos sujeitos investigados com outros brasileiros, nativos e/ou outros estrangeiros, ou seja, buscamos compreender de que modo as NTIC's foram importantes para facilitar encontros futebolísticos, durante o período que os estudantes-torcedores permaneceram no exterior.

No cenário atual temos redes sociais de abrangência mundial, como o Facebook, que permite conversar e compartilhar mensagens, vídeos e áudios. Temos também inúmeros aplicativos, como o Whatsapp, utilizado para troca de mensagens de texto/vídeo/som/imagem.

Essas ferramentas têm potencializado o contato entre as pessoas, seja aquele realizado somente entre dois sujeitos ou mesmo no âmbito de grupos, os quais muitas vezes são criados a partir de um interesse comum como, por exemplo, o futebol.

Segundo Morigi e Pavan (2004), as novas convivências oriundas da mediação tecnológica têm ampliado a rede de relações entre as pessoas e construído laços afetivos entre elas, a partir do uso das ferramentas disponíveis na Internet, as quais abriram a possibilidade de as pessoas se conhecerem e estabelecerem relacionamentos sem qualquer contato físico anterior. Com isso, prosseguem os autores, tal prática, cada vez mais comum, tem modificado os hábitos, os comportamentos, tornando mais complexas as formas de interação social entre os indivíduos e produzindo novas formas de sociabilidade entre eles.

De acordo com Silva (1999), o ser humano tem tanta necessidade da informação como de sociabilidade, que poderíamos afirmar que a informação é um instrumento ou componente para a promoção da sociabilidade. Com isso, mediante

os grupos sustentados pelas redes telemáticas, o sujeito teria uma ambiência mista em que se funde a sociabilidade com a informação.

No contexto dos estudantes-migrantes da UFVJM isso ocorreu também, como exemplificado nos seguintes depoimentos:

A gente tinha um grupo de estudantes no whatsapp, pra futebol. Então a gente criou um grupo pra jogar futebol, pra marcar encontros de futebol. Então às vezes alguém marcava e, se juntasse uma quantidade certa de pessoas, a gente ia e jogava (E1).

A gente tinha um grupo no facebook e aí a gente mandava mensagem um pro outro, pra combinar as partidas (E2).

Eu joguei algumas vezes com umas meninas brasileiras que moravam na cidade, e elas criaram um grupo no facebook e foram chamando meninas que jogavam futebol (E5).

Até hoje eu tenho contato com esse pessoal ainda, africanos, europeus e australianos, que a gente tem um grupo no facebook, que usava para combinar as peladinhos por lá (E8).

Os relatos expostos acima confirmam que as NTIC's (com destaque para o Facebook e o Whatsapp) foram importantes estratégias tecnológicas utilizadas pelos estudantes-torcedores, no que se refere à organização de tempos/espacos lúdicos para a vivência prática do jogo de futebol.

Dessa forma, podemos dizer que as NTIC's cumpriram um papel relevante nos contextos específicos em que se inseriram os referidos sujeitos, instaurando-se como meios eficazes e facilitadores da comunicação entre os mesmos e outras pessoas, que também tinham o futebol como interesse comum.

Em nossa perspectiva isso deve ser destacado, visto que lidamos com pessoas que deixaram o seu lugar de origem e se endereçaram temporariamente para outro lugar, para conviverem com diversas pessoas, dos mais diversos países e das mais diferentes culturas.

Considerações finais

Pelo exposto, consideramos que os relatos dos estudantes-torcedores fizeram emergir a relação entre futebol e sociabilidade no estrangeiro, de modo especial a partir de experiências de lazer.

Nesse sentido, podemos dizer que futebol foi capaz de potencializar o contato (e o convívio) dos estudantes-torcedores da UFVJM com outros brasileiros, nativos e/ou outros estrangeiros, promovendo diversas situações que influenciaram nos processos de sociabilidade dos mesmos, seja mediante a prática, os diálogos e a assistência a jogos, formas de adesão que Toledo (2010) denominou de “socialidade lúdica”, configurando-se assim como tempos/espços importantes quanto à promoção do encontro em momentos de lazer.

Nessa perspectiva, Knijnik (2015) nos lembra que para sujeitos migrantes a participação em grupos com determinados interesses comuns é uma forma de recuperar (ou mesmo criar) laços sociais que são essenciais para as suas vidas. Bem, como dito, acreditamos que isso veio à tona no presente estudo, visto que os estudantes migrantes da UFVJM, que estiveram em diversas coordenadas geográficas no estrangeiro e, pois, distantes de suas origens, utilizaram o futebol como uma ponte de sociabilidade, o que nos incita novamente a destacar esse importante papel desse esporte, jogo e fenômeno sócio cultural no cotidiano dos sujeitos deslocados, que viveram temporariamente além-mar.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CERQUEIRA, M. C. et al. **Nômades do Saber – Um Estudo Sobre Migração Estudantil**. Atas do IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade. Laranjeiras – SE/Brasil, 2010.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

DAMATTA, R. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

_____. Antropologia do óbvio - Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**, Brasil, n. 22, p. 10-17, ago. 1994. ISSN 2316-9036. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26954>>. Acesso em Janeiro de 2022.

DAMO, A. S. **Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Porto Alegre: 1998.

FAZITO, D. Análise de redes sociais e migração: dois aspectos fundamentais do retorno. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo: v. 25, n.72, p.89-100, Fev./ 2010.

GARCÍA, M. **Studenti Stranieri a Bologna: Come vivono, cosa vogliono**. Estudo encomendado pela Companhia para o Direito a Estudo da Universidade de Bolonha (ACOSTUD), 1992. Acesso em Janeiro de 2022.

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do Futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOMES, A. M. R.; FARIA, E. L. **Lazer e diversidade cultural**. Brasília: SESI/DN, 2005.

GOMES, C.L. Estudos do Lazer e geopolítica do conhecimento. **Revista Licere**. Belo Horizonte, v.14, n.3, p.1-25, set./2011.

_____. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.3-20, jan./abr. 2014.

HOLANDA, B.B.B. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

KNIJNIK, J. D. Feeling at home: an autoethnographic account of an immigrant football fan in Western Sydney. **Leisure Studies**, Vol. 34, n. 1, 34–41, 2015.

LAGES, C. E.D.M; SILVA, S.R. Futebol e lazer: diálogos e aproximações. **Licere**, Belo Horizonte, v.15, n.1, mar/2012.

LINGER, D. T. **No One Home**: Brazilian Selves Remade in Japan, Stanford, CA, Stanford University Press, 2001.

LLOPIS GOIG, R. Identificación con clubes y cultura futbolística en España. Una aproximación sociológica. **RICYDE. Rev. int. cienc. deporte**. Madrid, 33(9), 236-251, 2013.

MAALOUF, A. **Identidades asesinas**. Madrid: Alianza Editorial, 2005.

MARANDOLA JR, E; GALLO, D. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. **R. bras. Est. Pop.** Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 407-424, jul./dez. 2010.

MARGOLIS, M.L. Brasileiros no estrangeiro: a etnicidade, a auto-identidade e o “outro”. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 51, nº 1, p.283-302, 2008.

MASCARENHAS, G.. A mutante dimensão espacial do futebol: forma simbólica e identidade. **Espaço e Cultura**. UERJ. Rio de Janeiro, n. 19-20, p. 61-70, Jan./Dez. 2005.

_____. Considerações teórico-metodológicas sobre a difusão do futebol. **Scripta Nova** (Barcelona) Buenos Aires, v. 4, n.69, 2000.

MORIGI, J.V; PAVAN, C. Tecnologias de informação e comunicação: novas sociabilidades nas bibliotecas universitárias. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 33, n. 1, p. 117-125, jan./abril, 2004.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. 1ª edição. São Paulo, Edusp, 1998.

SILVA, L. Globalização das redes de comunicação: Uma reflexão sobre as implicações cognitivas e sociais. In: J. A. Alves, P. Campos, & P. Q. Brito (eds.). **O futuro da Internet**, pp. 53-63, Matosinhos, Centro Atlântico, 1999.

TIESLER, N.C. Diásbola: futebol e imigração portuguesa. **Etnográfica**. Lisboa, v. 16, n.1, p.77-96, Fevereiro de 2012.

TIESLER, N.C; COELHO, N.J. O futebol globalizado: uma perspectiva lusocêntrica. **Análise Social**. Lisboa, v. XLI (2.º), n. 179, p. 313-343, 2006.

XAVIER DE BRITO, A. Habitus de migrante: Um conceito que visa captar o cotidiano dos atores em mobilidade espacial. Brasília, **Revista Sociedade e Estado**, V. 25, N. 3, Setembro/Dezembro, p.431-464, 2010.